

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CLAIR ROLDÃO SCHARDOSIM**

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: COMO BRINCAM AS
CRIANÇAS?**

Florianópolis

2016

CLAIR ROLDÃO SCHARDOSIM

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: COMO BRINCAM AS CRIANÇAS?

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Orientador(a) Profa. Dra. Patrícia de Moraes Lima

Florianópolis

2016

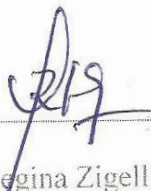
CLAIR ROLDÃO SCHARDOSIM

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: COMO BRINCAM AS CRIANÇAS?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Aprovado em 10 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:

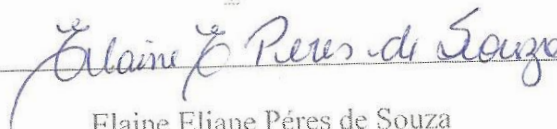


Olga Regina Zigelli Garcia

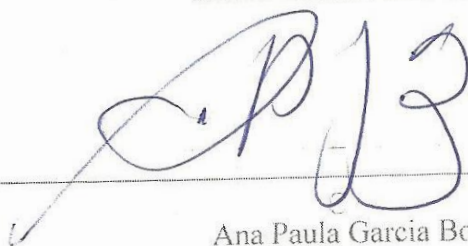
Banca Examinadora:



Leandro Castro Oltramari



Elaine Eliane Pères de Souza



Ana Paula Garcia Boscatti

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Schardosim, Clair Roldão
Relações de gênero na educação infantil : como brincam as
crianças? / Clair Roldão Schardosim ; orientadora, Patrícia
de Moraes Lima - Florianópolis, SC, 2016.
46 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1. Gênero e Diversidade na Escola. I. Lima, Patrícia de
Moraes. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. III.
Título.

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que lutam diariamente por uma sociedade mais justa, com igualdade de gênero e que buscam desconstruir conceitos machistas e conservadores que apenas contribuem para violência de gênero.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus pela vida e a minha família pelo apoio e compreensão.

Agradeço a UFSC pela oportunidade de estar participando de um curso tão importante para a minha formação como indivíduo, como professora e como cidadã.

Agradeço também a todas/os as/os professoras/es do curso que compartilharam seus conhecimentos com toda a turma, sempre com muita dedicação, compreensão e respeito, em especial a minha orientadora, Patrícia de Moraes Lima, que mesmo à distância foi atenciosa me orientando com dedicação na elaboração deste trabalho.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate à fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

*“Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja
nossa própria substância.”*

Simone de Beauvoir

RESUMO

A presente pesquisa intitulada: *Relações de Gênero na Educação Infantil: como brincam as crianças?* tem como objetivo investigar através das brincadeiras como as crianças estão significando o gênero e com isso desconstruir conceitos estereotipados nas ações educativas. A metodologia utilizada para a efetivação deste estudo é a pesquisa qualitativa. Os envolvidos neste trabalho são crianças de 3 e 4 anos da turma do Jardim II do Centro de Educação Infantil Mini Mundo, localizado no município de Mampituba, cidade situada no litoral norte do Rio Grande do Sul. Os participantes tiveram sua identidade preservada e foi garantido o anonimato. Este estudo possibilitou conhecer como as crianças, através das brincadeiras, significam as relações de gênero e de que maneira essas questões aparecem no brincar e na escolha de seus brinquedos. Além disso, essa pesquisa proporcionou o entendimento de que a educação infantil pode exercer um papel fundamental na desconstrução desses conceitos conservadores que contribuem apenas para a desigualdade de gênero.

Palavras-chave: Gênero. Educação Infantil. Brincadeiras.

ABSTRACT

The present research entitled: Gender Relations in Child Education: How do children play? aims to investigate through games how children are meaning the gender and with that to deconstruct stereotyped concepts in educational actions. The methodology used to carry out this study is qualitative research. Those involved in this work are children of 3 and 4 years of age in the Jardim II class at the Mini Mundo Infant Education Center, located in the municipality of Mampituba, a city located on the north coast of Rio Grande do Sul. Participants had their identity preserved and was guaranteed the anonymity. . This study made it possible to know how children, through play, signify gender relations and how these issues appear in the play and in the choice of their toys. In addition, this research provided the understanding that early childhood education can play a key role in the deconstruction of these conservative concepts which contribute only for gender inequality.

Keywords: Gender. Child Education. Joking.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GDE – Gênero e Diversidade na Escola

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	GÊNERO: TRAJETÓRIA HISTÓRICA.....	13
3	O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	19
4	GÊNERO: AS RELAÇÕES NO ESPAÇO EDUCATIVO DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	25
5	PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	31
6	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	33
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	42
	APÊNDICE(S)	45

1 INTRODUÇÃO

As discussões e reflexões sobre as questões de gênero são amplamente debatidas em diversas esferas sociais, visto que faz parte da construção social da humanidade e reflete no modo de agir e de viver do indivíduo. Estas discussões ganharam força em virtude de que há muita desigualdade entre os indivíduos e uma das causas está relacionada às questões de gênero.

As questões relacionadas ao gênero fazem parte da vida do indivíduo desde a primeira infância, por isso a importância de se trabalhar gênero dentro do espaço escolar, para aos poucos ir desconstruindo a ideia de separação entre o que é de menino e o que é de menina, por exemplo e trabalhar essas questões já na educação infantil contribui para a desconstrução dessas ideias.

Por isso, foi desenvolvido um trabalho que busca compreender como essas questões de gênero aparecem na educação infantil e para tanto foram realizadas atividades e brincadeiras com as crianças de educação infantil que possibilitassem observar o modo como as crianças significam as relações de gênero. Nessa pesquisa foi observado como as crianças significam as questões de gênero e como lidam com as questões dos papéis sociais vinculados ao feminino e masculino.

O presente estudo intitulou-se: “Relações de gênero na educação infantil: como brincam as crianças?”

As atividades e brincadeiras foram realizadas com crianças de 3 e 4 anos de idade que frequentam a turma do Jardim II do Centro de Educação Infantil Mini Mundo, o mesmo se localiza no município de Mampituba, cidade situada no litoral norte do Rio Grande do Sul.

Tendo em vista a importância em se abordar as questões de gênero desde a educação infantil, esse estudo teve como pergunta de pesquisa a seguinte indagação: “Como as crianças de educação infantil lidam com brincadeiras que desconstruem as relações de gênero, posicionando o que é de menino e menina?”.

Os objetivos da presente pesquisa foram os seguintes:

Geral: Investigar através das brincadeiras como as crianças significam o gênero e com isso desconstruir conceitos estereotipados nas ações educativas.

Específicos:

- Compreender o que são brincadeiras na educação infantil;
- Verificar como as crianças escolhem seus brinquedos na hora de brincar;
- Identificar os brinquedos preferidos por meninos e meninas;

- Analisar o comportamento das crianças em relação as brincadeiras de meninos e meninas;
- Analisar as narrativas de meninas e meninos quanto a escolha dos brinquedos.

O proposto estudo ocorreu a partir do eixo temático Gênero e está estruturado em três capítulos: o primeiro “GÊNERO: trajetória histórica”, com base nos autores: Wolf e Silva (2015), Dinis (2008), Scott (1999), Pedro (2005) e outros.

O segundo “O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL”, baseado nos autores: Kishimoto (2010), Barbosa (2014), Teixeira (2009), Queiroz, Maciel e Branco (2006), Navarro (2009), Brougère (2010) e outros.

O terceiro “GÊNERO: as relações no espaço educativo da educação infantil”, tendo como base os teóricos: Bragagnolo e Barbosa (2015), Graupe e Sousa (2015), Vianna e Finco (2009), Finco (2003), Souza (1999), Santos (2004) e outros.

Posteriormente, a descrição da Metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa e a Apresentação e Análise dos Dados, na qual apresentam-se os sujeitos da pesquisa, a análise dos dados coletados durante as atividades e brincadeiras realizadas com base no referencial teórico da mesma.

E nas considerações finais, apresentam-se comentários acerca da pesquisa desenvolvida.

2 GÊNERO: TRAJETÓRIA HISTÓRICA

Este capítulo apresenta uma breve trajetória sobre os estudos de gênero, como iniciou, em que momento histórico e quais as primeiras pesquisas relacionadas ao tema e com isso apresentar, de maneira sucinta, como as questões de gênero se construíram historicamente. Atualmente o termo Gênero tem um significado bastante amplo e significativo, abrangendo não somente os aspectos feminino e masculino, mas também a dinâmica e a forma como esses múltiplos significados interagem entre si e na sociedade.

“A categoria “gênero” está cada vez mais presente nas discussões acadêmicas, nos movimentos sociais, nas organizações não governamentais e nas esferas do poder público, especialmente quando se discutem políticas públicas.” (WOLFF; SILVA, p. 95, 2015). No entanto, nem sempre foi assim. A categoria gênero só passou a ser objeto de estudos dentro das lutas feministas. “De maneira geral, quando olhamos para a história desta categoria, retomamos a história do feminismo e da trajetória dos diferentes movimentos feministas e de mulheres. [...] É a partir e no interior dos debates e lutas deste momento que a categoria gênero foi criada.” (WOLFF; SILVA, p. 95, 2015).

De acordo com o texto de Nilson Fernandes Dinis (2008) “Educação, relações de gênero e diversidade sexual”

No cenário brasileiro, tal debate esteve restrito durante vários anos a áreas como a Sociologia, a Psicologia e a Crítica Literária, sendo bastante sintomática sua ausência, mais particularmente, nos estudos da Educação. Contudo, neste último campo, a grande guinada nos estudos de gênero deu-se nos anos de 1990. Entre alguns dos trabalhos desse período estão as pesquisas da historiadora brasileira Guacira Lopes Louro acerca da exclusão das minorias de gênero na história da educação. (DINIS, 2008, p. 479).

Os estudos relacionados a gênero e ao que o termo se refere passou por diversos significados. De acordo com Joan Scott (1990)

Ao longo dos séculos, as pessoas utilizaram de forma figurada os termos gramaticais para evocar traços de caráter ou traços sexuais. [...] Mais recentemente – recentemente demais para que possa encontrar seu caminho nos dicionários ou na enciclopédia das ciências sociais – as feministas começaram a utilizar a palavra “gênero” mais seriamente, no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos. (SCOTT, 1990, p.2).

Essa maneira mais literal de utilizar a palavra gênero surgiu com o intuito de estudar as relações entre os gêneros, possibilitando um estudo mais avançado sobre a história de homens e mulheres na construção social para entender qual o papel de cada um na sociedade.

Segundo Nathalie Davis (1975, apud SCOTT, 1990, p. 3)

Eu acho que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens quanto das mulheres, e que não deveríamos trabalhar unicamente sobre o sexo oprimido, do mesmo jeito que um historiador das classes não pode fixar seu olhar unicamente sobre os camponeses. Nosso objetivo é entender a importância dos sexos dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la”.

Desse modo, o que se pode analisar nessa fala de Nathalie Davis é que para entender o papel das mulheres e dos homens na sociedade é necessário fazer um estudo sobre ambos e assim compreender os processos de significação que encontramos até os dias de hoje.

Essa “evolução” se deu, principalmente, devido as diversas conquistas das feministas com relação aos direitos da mulher na sociedade. Atualmente, as mulheres podem estudar, trabalhar fora, ter uma vida independente e inclusive fazer parte e atuar na política, além de muitas outras coisas porque muitas feministas lutaram por isso. Essa luta das mulheres por seus direitos ficou conhecida como movimento feminista. Esse movimento surgiu inicialmente em virtude da luta das mulheres pelo direito ao voto e a de ser votada e o acesso à educação e foi marcada historicamente como “primeira onda” do feminismo.

No Brasil, a “primeira onda” do movimento feminista surgiu no final do século XIX e início do século XX que reivindicavam o direito de votar e de ser votada e o acesso à educação. Essa luta era liderada por mulheres de classe média e classe média alta, ou seja, mulheres que tinham acesso à educação, mesmo que de maneira limitada, mas que queriam que a educação atendesse a todos e que também queriam participar das decisões políticas e sociais do país, espaço até então exclusivo dos homens. “E essa história pode começar pelo momento em que as mulheres saíram às ruas reivindicando direitos políticos e alguns outros direitos sociais, como acesso à educação e a muitas carreiras laborais que estavam fechadas a elas.” (WOLFF; SILVA, 2015, p.97).

Graças ao esforço, a dedicação e a persistência dessas mulheres é que hoje as mulheres têm estes e muitos outros direitos garantidos e conquistados, pois a partir dessa “primeira onda” do feminismo é que as mulheres podem votar e ser votadas, participar ativamente das decisões políticas, podem decidir de que maneira viver, ter uma profissão, uma carreira, educação superior, entre outros. Foram esses movimentos que deram início aos rompimentos de paradigmas conservadores e desencadearam muitas discussões sobre diversos outros assuntos como liberdade de expressão, igualdade de direitos, ter autonomia sobre seu corpo, sobre a maneira se vestir etc.

Essa luta durou décadas e as mulheres, além de enfrentar preconceitos por parte dos conservadores, tiveram que lidar com piadas machistas que se utilizavam de todos os meios disponíveis para enfraquecer esse movimento e desmerecer os objetivos e a causa da luta. Como apresenta o texto de Rachel Soihet, que tem como título “Pisando no ‘sexo frágil’” (2004). Nesse texto a autora descreve o modo como as mulheres participantes dos movimentos feministas eram vistas, tachadas como “mulher macho”, ou seja, que queriam inverter os papéis com os homens, deixando os mesmos com a função do lar, eram rotuladas como feias solteironas e muitos outros apelidos pejorativos, tais comentários tinham como objetivo estragar a imagem das mulheres feministas e, conseqüentemente, passassem a ser mal vistas pela sociedade e assim impedir que o movimento continuasse. (SOIHET, 2004). Apesar das barreiras impostas pela sociedade da época, o movimento não desistiu, as mulheres continuaram lutando e em busca de novas conquistas.

A “segunda onda” foi marcada pela luta das mulheres pelo direito ao corpo e ao amor livre. “O feminismo chamado de ‘segunda onda’ surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, e deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado – entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres.” (PEDRO, 2005, p. 79).

A luta das feministas nesse momento era pelo direito de decidir sobre seu corpo, sem a interferência dos homens em decisões que cabiam apenas as mulheres, como a decisão de ter ou não filhos, trabalhar fora, dividir as tarefas domésticas, ou seja, as feministas apenas queriam a igualdade entre os sexos e o poder de decidir por si mesmas como e o que queriam para suas vidas. Nesse momento também que a discussão sobre a categoria gênero iniciou e passou a fazer parte das lutas feministas. “Foi justamente na chamada “segunda onda” que a categoria “gênero” foi criada como tributária das lutas do feminismo e do movimento de mulheres.” (PEDRO, 2005, p. 79)

Nesse período, as mulheres começaram a questionar as questões de gênero nos sentido literal. O porquê das palavras estarem sempre no masculino quando se referia ao plural, mesmo que houvesse em sua maioria pessoas do sexo feminino. “O que as pessoas dos movimentos feministas estavam questionando era justamente que o universal, em nossa sociedade, é masculino, e que elas não se sentiam incluídas quando eram nomeadas pelo masculino.” (PEDRO, 2005, p. 80).

As primeiras ondas dos movimentos feministas foram de grande importância para que a luta das mulheres ganhasse força e abrangesse outras esferas da sociedade. Com o tempo as lutas das feministas ganharam espaço e passaram a incluir não somente os direitos da mulher mas outros seguimentos da sociedade, ou seja, houve um intersecção, onde a luta incluía várias

etnias, várias classes sociais, deficientes e representantes de vários seguimentos. Foi a partir de todas as discussões que aconteceram em todos os momentos dos movimentos feministas que surgiu a categoria de análise gênero. Pois sentiu-se a importância de analisar como eram as relações entre homens e mulheres e suas discussões em diferentes momentos históricos.

O uso da categoria de análise “gênero” na narrativa histórica passou a permitir que as pesquisadoras e os pesquisadores focalizassem nas relações entre homens e mulheres, mas também as relações entre homens e entre mulheres, analisando como, em diferentes momentos do passado, as tensões, os acontecimentos foram produtores do gênero. (PEDRO, 2005, p. 88).

As relações entre homem e mulher e o modo como essa relação se estabelece foi de grande relevância para se estudar a categoria gênero. Entender os papéis atribuídos tanto a um quanto a outro e como são construídos historicamente e predeterminados pela sociedade contribuem para o entendimento sobre as relações de poder nessa sociedade.

Desse modo, sabe-se que as relações de poder estão diretamente ligadas aos papéis que homens e mulheres exercem na sociedade. Tais papéis foram e são construídos historicamente. Apesar das lutas feministas em defesa a igualdade entre homens e mulheres na sociedade em diferentes seguimentos sociais, ainda é muito comum a separação dos papéis que homens e mulheres devem exercer na sociedade, pois desde muito cedo, as crianças são ensinadas como se comportar nesses espaços.

O meio familiar é um desses espaços sociais que muitas vezes contribuem para essa distinção entre o que pertence aos homens e o que pertence as mulheres. Ao ensinar uma menina a fazer as tarefas domésticas e o menino acompanhar o pai nas atividades fora de casa, está se reproduzindo a ideia de que o serviço doméstico pertence as mulheres.

No entanto, nem sempre as famílias são as responsáveis por essa reprodução de separação entre papéis. Joan Scott (1990) faz essa indagação

Como podemos explicar o fato de que as crianças aprender essas associações e avaliações mesmo quando elas vivem fora de lares nucleares ou dentro de lares onde o marido e a mulher dividem as tarefas parentais? Eu acho que não podemos fazer isso sem dar certa atenção aos sistemas de significados, isto é, às maneiras como as sociedades representam o gênero, o utilizam para articular regras de relações sociais ou para construir o sentido da experiência. Sem o sentido, não tem experiência; e sem processo de significação, não tem sentido. (SCOTT, 1990, p. 15).

Ou seja, as crianças aprendem com o sistema da sociedade, mesmo quando moram em uma família onde há a divisão de tarefas por exemplo. É a sociedade como um todo, como ela se relaciona que também tem forte influência na construção do indivíduo. Desse modo, as questões de gênero aparecem já na infância e dependendo do modo como será abordada poderá

contribuir para a desigualdade de gênero desde cedo e perpetuando na vida adulta. Além de interferir na qualidade de vida da criança.

O texto de Eliziane Lara (2015), que tem como título “Como é ser menina no Brasil?” retrata bem esse assunto. Nesse texto a autora aborda o tema e defende que a desigualdade de gênero tem início na infância, quando a sociedade atribui os serviços domésticos como sendo papel das mulheres, ou melhor, das meninas, além de trazer inúmeros prejuízos para a infância da criança.

Em efeito cascata, a sobrecarga de atividades para as meninas se acentua nos casos em que as mães possuem duplas jornadas de trabalho. Como explica Célia Bonilha, nessas situações as meninas assumem ainda mais responsabilidades no cuidado com a casa e os irmãos. Uma menina que antes de ir para a escola precisa arrumar a casa e lavar louça e quando chega prepara o almoço e cuida dos irmãos menores está assumindo um papel que traz muitas consequências. “Qual é o tempo que ela tem para estudar? Por que ela falta tanto às aulas? Falta porque tem que cuidar de alguém. Então a gente está proibindo, tirando o direito da menina de ser criança, de viver plenamente essa época de construção dos seus saberes, das relações sociais”, analisa Célia. (LARA, 2015).

Quando o cuidado do lar é designado apenas para as meninas, pode fazer com que elas tenham que, muitas vezes, deixar de ir à escola para cuidar de irmãos ou irmãs mais novos ou fazer alguma tarefa doméstica e conseqüentemente, prejudicando o desempenho escolar. São estas questões que fazem com que as lutas dos movimentos feministas tomem força, visto que as desigualdade de gênero, apesar dos grandes avanços, ainda são bastante presentes na sociedade atual.

Por isso, os estudos de gênero como categoria de análise foram e são de grande importância para contribuir para a desconstrução da ideia de separação entre os papéis que homens e mulheres exercem na sociedade.

De acordo com Joan Scott (1990)

Precisamos rejeitar o caráter fixo e permanente da oposição binária, precisamos de uma historicização e de uma desconstrução autêntica dos termos da diferença sexual. Temos que ficar mais atentas às distinções entre nosso vocabulário de análise e o material que queremos analisar. Temos que encontrar os meios (mesmo imperfeitos) de submeter, sem parar, as nossas categorias à crítica, nossas análises à autocrítica. (SCOTT, 1990, p. 18).

Portanto, a categoria gênero contribui para que se possa analisar criticamente como as relações de gênero se constroem socialmente e sua influência na determinação de papéis que homens e mulheres devem seguir. Papéis estes que ao serem separados e predeterminados como sendo um ou de outro apenas contribui para a desigualdade de gênero. Além disso, são inúmeras as consequências para a qualidade de vida das pessoas, pois quando se estabelece um padrão,

um modelo a ser seguido, separa-se as pessoas em certas e erradas e exclui aquelas que não vivem de acordo com esse padrão estabelecido. Compreender como a categoria gênero está inserida na sociedade abre possibilidades para entender que cada indivíduo é único e tem o direito de viver de acordo com as suas vontades e necessidades e que não são regras ultrapassadas e conservadoras que devem definir o que cada pessoa deve ou não ser para fazer parte desta sociedade. Afinal, todas e todos tem os mesmos direitos e estes devem ser respeitados para que realmente haja uma qualidade de vida, sem violência, sem injustiças e com igualdade para todos e todas.

3 O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A educação infantil é um espaço social de grande influência no desenvolvimento da criança, visto que é nesse meio que a criança começa a ter contato diferente daquele que já lhe é posto que é o meio familiar. Nesse sentido, a brincadeira e os brinquedos nessa fase do desenvolvimento infantil contribuem significativamente para a construção social do indivíduo. Desse modo, este capítulo tem o intuito de trazer algumas teorias sobre a importância do brincar na educação infantil, bem como o significado do brincar para as crianças, de acordo com alguns teóricos sobre o assunto, além de ressaltar que as crianças fazem parte da construção cultural e um dos meios em que isso acontece é no brincar. Além disso, como a professora ou o professor de educação infantil pode mediar esse momento de maneira que promova experiências e aprendizagens mais significativas por meio do brincar.

As crianças fazem parte do meio social em que vivem e participam de maneira atuante, explorando, interagindo, aprendendo e compartilhando seus desejos e seu modo de interpretar o mundo em que vivem através do brincar.

As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos. No processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. (BRASIL, 1998, p. 21).

O brincar tem um grande significado para o desenvolvimento infantil, visto que é nas brincadeiras e utilizando de diferentes tipos de brinquedos que as crianças expressam o seu entendimento sobre a sociedade e sobre o que vivem no seu dia a dia. Além disso, o brincar é um direito e está previsto em Lei.

O ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, no Art. 16, Inciso IV, diz que no que se refere ao direito à liberdade da criança e do adolescente, inclui “brincar, praticar esportes e divertir-se” (BRASIL, 1990). Já os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (BRASIL, 2006) garantem que para que haja uma educação de qualidade na educação infantil, entre outros aspectos, “as crianças precisam ser apoiadas em suas iniciativas espontâneas e incentivadas a brincar”. Desse modo, a criança tem direito de brincar e para tanto é preciso que família, escola, Estado promovam e façam garantir esse direito.

“No ato de brincar, os sinais, os gestos, os objetos e os espaços valem e significam outra coisa daquilo que aparentam ser. Ao brincar as crianças recriam e repensam os acontecimentos que lhes deram origem, sabendo que estão brincando.” (BRASIL, 1998, p.27).

O brincar possibilita que a criança entre em contato com novas experiências, invente, crie novos personagens, se coloque no lugar do outro e assim estimule seu desenvolvimento psicomotor. Além disso, é brincando que a criança aprende a interagir com o outro, a socializar e a compartilhar seus conhecimentos com as (os) colegas e professoras(es), colocando em prática o que aprendeu até o momento em outras vivências do seu dia a dia.

Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar. Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver. (KISHIMOTO, 2010, p. 1).

A criança por meio do brincar, ao expressar seu modo de ver o mundo e o meio em que vive contribui e participa ativamente da construção cultural da sociedade, pois a criança não é apenas um indivíduo passivo, que apenas recebe informações, ela interage com as informações que recebe e as interpreta a partir do seu conhecimento adquirido e as expressa a seu modo. Por isso, a criança também é produtora de cultura e isto acontece também através das brincadeiras.

[...] as crianças fundam suas culturas a partir dos modos como participam dos mundos naturais e simbólicos com os quais interagem. Assim, a vida cotidiana das crianças e a diversidade dos mundos sociais em que elas vivem é um aspecto central para compreender as possibilidades das culturas da infância. (BARBOSA, 2014, p. 651).

Nesse sentido, se as crianças produzem cultura a partir do meio em que vivem e da interação que se estabelece nesse meio e de como a cultura está sendo conduzida e produzida também pelos adultos, isso significa também que o que está sendo discutido na cultura no momento atual reflete também no modo como as crianças vão interpretar essa cultura e reconstruir em sua vida, refletindo no seu mundo adulto futuro.

Isso significa, portanto, que se no momento em que a criança está construindo e interpretando sua cultura e o conhecimento a sua volta, se essa cultura e esse conhecimento estiverem voltados para um conceito prioritariamente heterogêneo, por exemplo, a criança vai também absorver esse conhecimento e essa visão do mundo adulto.

Para entender melhor como isso funciona, Ellen Dean Ribeiro Teixeira (2009) traz como exemplo as regras de jogos e brincadeiras passadas de geração em geração. A criança não conhece as regras e quem as passa são pessoas que já brincaram e assim repassam a informação e a criança, por desconhecer essa brincadeira, segue aquilo que lhes é ensinado. “Ressalta-se que não só as brincadeiras de roda, mas as brincadeiras de diferentes culturas, uma vez a que a criança em qualquer civilização realiza o brincar e muitas vezes imitam o contexto social que se está inserida e faz uso de regras já constituídas.” (TEIXEIRA, 2009, p. 5987).

Isso também acontece com as informações que a criança recebe no dia a dia, ou seja, quanto mais o mundo a sua volta levantar discussões sobre um determinado assunto, mais a criança vai produzir seu conhecimento a partir daí. Isso acontece, pois muitas vezes, as crianças acabam reproduzindo discursos e falas de seus pais ou familiares ao seu redor, pois elas aprendem também a partir do que veem.

É na infância que se inicia os processos de reconstruções e formação de ideias, as quais são manifestas das relações sociais ocasionadas pelas brincadeiras, sendo estas as principais atividades do homem neste período existencial, e por propiciar novos conceitos possui um meio de extensa eficácia para aprendizagem do homem. (TEIXEIRA, 2009, p.5985).

Desse modo, as brincadeiras e o brincar possibilitam que a criança desenvolva seu aprendizado e este se torna mais significativo conforme a criança mantém contato com diferentes objetos e interage com eles significando-os a sua maneira. “A importância do brincar para o desenvolvimento infantil reside no fato de esta atividade contribuir para a mudança na relação da criança com os objetos, pois estes perdem sua força determinadora na brincadeira”. (QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006, p. 172)

Quando são disponibilizados para as crianças diferentes tipos de brinquedos e brincadeiras, essas crianças ampliam seu conhecimento e podem fazer com que um brinquedo se transforme em outro a partir da sua imaginação. Isso pode ser interpretado como quando uma criança pega uma vassoura e a transforma no seu imaginário em um cavalo de brinquedo, por exemplo.

A brincadeira é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil na medida em que a criança pode transformar e produzir novos significados. Em situações dela bem pequena, bastante estimulada, é possível observar que rompe com a relação de subordinação ao objeto, atribuindo-lhe um novo significado, o que expressa seu caráter ativo, no curso de seu próprio desenvolvimento. (QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006, p. 172).

É de grande relevância que se entenda o quão importante é a brincadeira para o desenvolvimento infantil. Para tanto, é preciso compreender em que aspectos o brincar contribui para o desenvolvimento da criança.

Em um esforço para compreender a importância da atividade do brincar para o desenvolvimento infantil, numa perspectiva co-construtivista, pode-se considerar que a criança, desde seu nascimento, se integra em um mundo de significados construídos historicamente. É por meio da interação com seus pares que ela se envolve em processos de negociação, dentre os quais, os de significação e re-significação de si mesma, dos objetos, dos eventos e de situações, construindo e reconstruindo ativamente novos significados. (QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006, p. 173).

Por isso, o brincar na educação infantil tem grande importância e sendo assim, vale ressaltar que para que as crianças realmente tenham a oportunidade e o direito de brincar de maneira que contribua ainda mais para seu pleno desenvolvimento, o espaço da educação infantil deve estar preparado para atender essas necessidades do desenvolvimento infantil, promovendo um espaço no qual a criança possa ampliar seu conhecimento a partir das brincadeiras e da interação com o grupo no qual está inserida.

Se o brincar é social, a criança não brinca sozinha, ela tem um brinquedo, um ambiente, uma história, um colega, um professor que media essa relação e que faz do brincar algo criativo e estimulante, ou seja, a forma como o brincar é mediado pelo contexto da escola é importante para que seja de qualidade e realmente ofereça a oportunidade de diferentes aprendizagens para a criança. (NAVARRO, 2009, p. 2125).

Desse modo, o espaço educativo é um lugar que deve propiciar às crianças diferentes tipos de brincadeira e deixar ao acesso das mesma diversos brinquedos, além das(os) professoras(es) estarem cientes da importância dessas atitude para o desenvolvimento da criança e ser o mediador desses momentos de aprendizagem, para que a mesma ocorra de maneira significativa. De acordo com Mariana Stoeterau Navarro (2009, p. 2125) “[...] as instituições de educação infantil que respeitam os direitos e as necessidades das crianças não podem deixar de incluir o brincar em seu currículo, com planejamento, materiais adequados, espaço próprio e incentivo por parte da direção e da professora.”

Cabe ao espaço de educação infantil, nesse caso, tomar providências juntamente com as(os) professoras(as) e decidir de que maneira essa mediação deve ocorrer durante o brincar das crianças e assim, proporcionar um espaço que realmente valorize a importância das brincadeiras no desenvolvimento infantil. Nesse momento, é necessário também um olhar atento da professora e até mesmo de sensibilidade para compreender como a criança interpreta aquilo que vê. Afinal, como diz Gilles Brougère (2010) “A criança não brinca numa ilha deserta. Ela brinca com as substâncias materiais e imateriais que lhe são propostas, ela brinca com o

que tem na mão e com o que tem na cabeça” (BROUGÈRE, 2010, p.111). O brincar para a criança ganha significados que muitas vezes já foram esquecidos pelo mundo adulto e isso pode fazer com que o adulto responsável por mediar essa interação entre os brinquedos e o brincar e a criança, no caso a(o) professora, deixe passar despercebido e não se dê conta do devido valor que tem a aprendizagem por meio das brincadeiras e como o brincar é fundamental para o desenvolvimento da criança.

Além disso, é papel da professora e do professor de educação infantil, organizar o espaço infantil de modo que possibilite que a criança aprenda e se desenvolva em todas as dimensões do seu crescimento.

Cabe ao professor organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada para propiciar às crianças a possibilidade de escolherem os temas, papéis, objetos e companheiros com quem brincar ou os jogos de regras e de construção, e assim elaborarem de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais. (BRASIL, 1998, p. 29).

Ampliar o conhecimento das crianças através da disponibilidade de diferentes brinquedos e brincadeiras contribui para que a criança entre em contato com novas experiências e assim, construa seu próprio conhecimento de maneira mais significativa. Contudo, o brincar para a criança vai muito além do simples contato da criança e um objeto, por exemplo. O brincar traz consigo uma importância que na imaginação da criança se transforma em inúmeros significados que vão sendo diferentemente interpretados na medida em que vão tendo acesso a outros brinquedos, a outras brincadeiras e interagindo com o mundo a sua volta as crianças aprendem cada vez mais e se esse brincar for mediado da maneira certa, a aprendizagem se torna ainda mais significativa e importante no desenvolvimento infantil.

Tendo em vista a importância do brincar para as crianças, é preciso então que essas brincadeiras ocorram de modo que não apenas reproduzam conceitos conservadores de papéis que meninos e meninas devem exercer na sociedade, que separa, delimita as experiências das crianças, mas deem a oportunidade de poder brincar com qualquer brinquedo, independentemente do sexo e possibilitar esse contato da criança com diferentes tipos de brinquedos e brincadeiras.

Enfim, se o modo de brincar das crianças e suas respectivas brincadeiras tem um papel fundamental no desenvolvimento das mesmas e na construção social do indivíduo é importante lembrar também que devido a essa importância que tem as brincadeiras, as relações de gênero também perpassam essa fase do desenvolvimento humano. Desse modo, observar como as crianças brincam e de que maneira essas relações de gênero aparecem nesse meio pode contribuir para que os espaços educativos trabalhem de maneira que possam ensinar as crianças

a construir novos valores com base na igualdade de gênero, na justiça e na melhoria na qualidade de vida de todas as pessoas.

4 GÊNERO: AS RELAÇÕES NO ESPAÇO EDUCATIVO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

O ambiente educativo é um dos muitos espaços sociais em que as questões de gênero estão presentes e na Educação Infantil, que é a primeira fase da Educação Básica, não é diferente.

A instituição de educação infantil se constitui enquanto espaço privilegiado para o encontro de adultos e crianças e, neste sentido, uma excelente oportunidade para sistematicamente lançar possibilidade de construirmos um processo educativo inclusivo, igualitário, favorecendo assim o processo de humanização dos sujeitos no processo pedagógico. (BRAGAGNOLO; BARBOSA, 2015, p.127).

Desse modo, nesse capítulo abordaremos as discussões de gênero dentro do espaço educativo na Educação Infantil e o modo como essas questões aparecem nesse ambiente, pois abordar a temática gênero nesse espaço é abrir possibilidades para que haja condições igualitárias desde a primeira fase do desenvolvimento infantil.

O texto de Graupe e Sousa (2015) cujo título é “Gênero e Educação” destaca a importância de se abordar a temática gênero na escola

É importante discutirmos a temática de gênero e educação porque a instituição escolar, de forma explícita ou implícita, por meio do seu currículo, seu projeto político pedagógico, plano anual, plano de aula, material pedagógico, suas práticas pedagógicas, linguagens, brincadeiras, ainda é um local privilegiado para discussão e reflexão sobre a produção e reprodução das desigualdades entre os gêneros. (GRAUPE; SOUSA, 2015, p. 111).

Sabendo da importância em se abordar as questões de gênero na educação, não podemos deixar de falar sobre a importância da educação infantil para o processo de socialização de desenvolvimento das crianças. “A educação infantil não só cuida do corpo da criança, como o educa: ele é o primeiro lugar marcado pelo adulto, em que se impõem à conduta dos pequenos os limites sociais e psicológicos. É o emblema no qual a cultura inscreve seus signos.” (VIANA; FINCO, 2009, p. 271).

A educação e a construção do desenvolvimento do indivíduo se inicia desde a primeira infância e é a partir de exemplos e situações que um indivíduo inicia sua formação como cidadão. É a partir da interação com o meio social em que vive e com a cultura na qual está inserida que uma criança ou um indivíduo constrói seu conhecimento e desenvolve como um todo.

Nosso corpo, nossos gestos e as imagens corporais que sustentamos são frutos de nossa cultura, das marcas e dos valores sociais por ela apreciados. O corpo – seus movimentos, posturas, ritmos, expressões e linguagens – é, portanto, uma construção social que se dá nas relações entre as crianças e entre estas e os adultos, de acordo com cada sociedade e cada cultura. Ele é produzido, moldado, modificado, adestrado e adornado segundo parâmetros culturais. (VIANA; FINCO, 2009, p. 271-272).

Desde muito cedo se aprende o que é ser menino e o que é ser menina, com papéis bem definidos pela sociedade para ambos. Meninas ajudam a mãe com os serviços domésticos e meninos acompanham os pais em suas atividades (normalmente assistindo televisão, brincadeiras ao ar livre como futebol...). Já no nascimento separamos meninas e meninos por cores: rosa de menina, azul de menino. “São os adultos que esperam que as meninas sejam de um jeito e os meninos de outro.” (FINCO, 2003, p. 95).

Entretanto essa separação está presente também nas brincadeiras infantis. Daniela Finco (2003) em seu artigo “Relações de Gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil”, a autora faz uma pesquisa em uma escola de educação infantil e busca “[...] questionar o fato "natural" de que meninos e meninas possuem papéis e comportamentos pré-determinados. Apresenta uma reflexão sobre a troca de papéis sexuais nas brincadeiras, fazendo uma discussão sobre os brinquedos considerados "certos" e "errados" para cada sexo” (FINCO, 2003, p. 89). Esses conceitos acabam por limitar as experiências humanas, barrando o indivíduo, não deixando que fuja à regra, para fazer parte da “maioria normal”. Abordar essas questões já na educação infantil contribui para a desconstrução desses conceitos.

Contudo, a educação infantil tem uma importância muito grande no desenvolvimento das crianças, por isso “o direito a uma educação infantil de qualidade inclui a discussão das questões de gênero” (VIANA; FINCO, 2009, p. 271). É importante salientar que é na educação infantil que se constroem e se reproduzem o que a sociedade vive no momento. Sendo assim, as questões de gênero devem ser trabalhadas desde a educação infantil para aos poucos ir desconstruindo por meio de problematizações que levem as crianças a refletir e aos poucos aprender e respeitar o outro e desconstruir essa ideia de separação entre o que é de menino e o que é de menina.

Na medida em que meninas e meninos transgridem o que é pré-determinado para cada sexo, mostram que a instituição de educação infantil pode apresentar mais uma característica positiva quanto às formas dessas relações: o ambiente da educação infantil pode ser um espaço propício para o não-sexismo. É importante que o profissional que trabalha na educação de crianças pequenas tenha consciência deste potencial, para, desse modo, repensar sua prática educativa. (FINCO, 2003, p.96).

Sendo assim, se a professora ou o professor de educação infantil, ter em mente a importância de não incentivar a separação entre menino e menina de acordo com o seu sexo

biológico, isso pode contribuir para que o ambiente de educação infantil seja um espaço livre de preconceitos de gênero e assim, contribuir para que essas crianças aprendam a conviver com as escolhas do outro ou da outra com respeito. Entretanto, as discussões sobre gênero, ou até mesmo a reflexão sobre como as questões de gênero quando trabalhadas de maneira conservadora, reproduzindo a cultura machista, nem sempre são levadas em consideração no espaço educativo. Muitos ambientes de educação, inclusive de educação infantil, acabam por incentivar, muitas vezes sem intenção essa cultura separatista e de desigualdade entre os gêneros.

A autora Jane Felipe de Souza em seu texto ‘Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil’ (SOUZA, 1999) traz várias autoras estudiosas e autores estudiosos sobre o assunto e que escreveram sobre o tema em diferentes partes do mundo, com base em pesquisas em escolas sobre as questões de gênero e como estas são abordadas no ambiente escolar. Em meio as essas pesquisas, constatou-se que ainda há pouca pesquisa sobre as questões de gênero na educação e na educação infantil.

Dentre as autoras citadas, Jane Felipe de Souza, apresenta a pesquisa de Marina Subirats (1988, 1995). De acordo com Souza (1999, p.7)

Marina Subirats observou que na Espanha há poucos estudos sobre relações de gênero na escola. Ao pesquisar turmas de crianças entre 4 e 6 anos de idade, procurou mostrar que, desde a escola infantil, a criança aprende a desvalorizar todas as atividades consideradas femininas. Através da análise dos registros verbais das professoras, constatou que o gênero feminino era afetado por uma negação constante, desde a linguagem utilizada, referindo-se às crianças sempre no masculino, até mesmo à negação sistemática de toda e qualquer conduta que pudesse ser identificada com comportamentos considerados “femininos”. (SOUZA, 1999, p. 7).

Essa pesquisa nos mostra como a desigualdade de gênero começa desde a educação infantil e como muitas vezes as próprias professoras e professores acabam propiciando um espaço para que isso continue acontecendo, mesmo que seja inconscientemente ou simplesmente pelo fato de reproduzir a cultura do lugar e da sociedade machista. Por isso, a autora afirma que “dentro da perspectiva dos Estudos Culturais, cabe às professoras e professores ultrapassar seus papéis de meros transmissores/as de informação, uma vez que elas/es são produtores/as culturais profundamente implicados/as nas questões públicas.” (SOUZA, 1999, p.10).

Portanto, o papel de professoras e professores é fundamental nesse processo de desconstrução da desigualdade de gênero, visto que sua atuação é de grande importância na educação infantil e é nessa etapa da educação básica que as crianças tem a oportunidade de aprender e a socializar com outros indivíduos tanto crianças quanto adultos. Para tanto, é preciso

que o ambiente educativo abra espaço para a reflexão e o diálogo sobre a temática gênero, para então, poder contribuir para estas desconstruções.

Dialogar sobre gênero no contexto escolar implica, na maioria das vezes, debater sobre diferentes posições, conceitos, concepções, opiniões sobre o que esperamos de cada gênero. [...] Entender a educação conforme as possibilidades de mudanças, transformações implica em abandonar certos valores, preconceitos, discriminações, portanto, ultrapassar análises simplistas e cartesianas de educação. (GRAUPE; SOUSA, 2015, p.113).

A partir do momento em que a instituição de ensino abre espaço para a discussão de gênero dentro do seu ambiente educativo, essa temática passa a ser refletida e com isso contribuir para a desconstrução de ideias e conceitos conservadores sobre gênero. Essa reflexão não se dá apenas no âmbito da prática docente, mas também no modo como a escola se organiza, seus espaços, seus métodos e também seus brinquedos que a mesma disponibiliza para as crianças que nela frequentam.

A questão dos brinquedos em relação as questões de gênero são de grande importância, visto que muitas vezes o comércio, o mercado e a própria mídia tendem a vender produtos geralmente que são separados e destinados a meninas e meninos de acordo com o sexo biológico, pois esse é um aspecto muito presente na cultura conservadora.

A autora Cláudia Amaral dos Santos (2004) apresenta em seu texto “A invenção da infância generificada: a pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero”, como algumas revistas de brinquedos considerados ideais para cada faixa etária devem ser. Em uma de suas pesquisas, a autora apresenta uma revista em que traz brinquedos próprios para a idade de 0 a 3 anos.

[...] nesta faixa as crianças começariam a representar o mundo adulto em suas brincadeiras, o que lhes permitiria vivenciar os "papéis" de mãe ou pai, pois “ao mesmo tempo em que finge que é a ‘mulher de casa’, faz comidinha e cuida da boneca, a garota expressa suas emoções”. Da mesma forma, os apetrechos da casinha são indicados pela revista para “ampliar” as possibilidades da representação dos papéis femininos e masculinos através de brinquedos como cozinhas, panelinhas, berços, carrinhos de bebê e tábuas de passar. Distinguem-se nesses brinquedos indicados os seguintes papéis femininos e masculinos: mulheres donas-de-casa e mães (ambiente privado) e homens motoristas, esportistas e guerreiros (ambiente público), marcando-se já, de certa forma, a partir da idade de um ano, as divisões de gênero nas crianças. (SANTOS, 2004, p.6)

Observar e estar atentos ao modo como o brinquedo é visto pela mídia e pela sociedade em geral se torna importante na medida em que a educação infantil é um espaço no qual se encontram diversos tipos de brinquedos e estes fazem parte do dia a dia das crianças. Nesse sentido, se a professora ou o professor não analisar estas questões e estas sugestões que aparecem nas revistas apresentadas pela autora, ou em qualquer outra e seguir as sugestões

propostas pelas mesmas, estará também reforçando essa ideia de meninas do lar e meninos fora de casa, e conseqüentemente contribuindo para a separação entre o que é de menino e o que é de menina, reforçando ainda mais a desigualdade de gênero. “Há necessidade, portanto, de que escola e seus profissionais repensem práticas e também destituam o determinismo biológico presente nos padrões de gênero que mantêm homens e mulheres presos em comportamentos determinados para cada sexo.” (GRAUPE; SOUSA, 2015, p. 114).

O ambiente educativo, em especial a educação infantil pode propiciar às crianças e aos indivíduos que nela frequentam um espaço no qual muitas experiências podem ser vivenciadas e um vasto conhecimento pode ser construído no seu dia a dia. No entanto, devido a sua intervenção na construção do indivíduo se esse espaço não exercer seu papel de incentivar a igualdade de gênero, de abordar questões que levem as crianças a refletirem sobre as injustiças e desigualdade ela pode também ser um espaço que apenas reproduz e reforça conceitos conservadores, machistas e estereotipados e por fim, pode contribuir com exclusão de muitos indivíduos que não se encaixam nos padrões pré estabelecidos por uma sociedade conservadora que teima em tentar manter todos dentro de uma única linha e regra e quem é diferente acaba sendo profundamente prejudicado e isolado do restante dessa sociedade.

Compreendemos, assim, a necessidade de que a escola possibilite aos seus profissionais uma formação que lhes permita refletir e discutir temas vivenciados cotidianamente nas salas de aula e os quais não podemos mais fazer de conta que não existem. Se assim o fizermos acabamos por aceitar preconceitos, violências de gênero e a polarização do masculino e feminino referente a modelos apresentados no âmbito das desigualdades e discriminações. (GRAUPE; SOUSA, 2015, p. 115)

Nessa perspectiva, para que o ambiente educativo possa promover um espaço onde abrange todas as diversidades e aborde as questões de gênero de maneira que contribua para a igualdade é preciso oferecer a sua equipe de profissionais de educação uma formação que garanta que esses profissionais estejam mais preparados para abordar a temática gênero e a lidar com essa diversidade da maneira correta.

Enfim, as questões relacionadas a gênero estão presentes em diversos espaços da sociedade e os espaços educativos são alguns deles. Desse modo, a educação infantil também se torna um espaço no qual as questões de gênero se fazem presentes de inúmeras maneiras e é entendida nesse meio também de diferentes formas, visto que cada indivíduo que ali frequenta tem um entendimento sobre isso. Para que esse entendimento seja esclarecido de modo que contribua para a igualdade e deixe de ser apenas um mero reprodutor das desigualdades, das injustiças e de conceitos conservadores e ultrapassados é preciso abordar essa temática e mediar

esse conhecimento na busca de contribuir na formação de indivíduos que respeitam a diversidade e o modo de vida de cada um.

5 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O presente trabalho foi realizado com o intuito de analisar como as crianças de Educação Infantil percebem as questões de gênero e quais as suas relações nas brincadeiras.

Esta pesquisa caracteriza-se como sendo qualitativa, pois, de acordo com Minayo (2004, p.21-22),

A pesquisa qualitativa responde às questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. [...] A abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.

O presente projeto foi desenvolvido no Centro de Educação Infantil Mini Mundo, no município de Mampituba/RS, cujos participantes são crianças de 3 e 4 anos que frequentam a turma de Jardim II. A turma em questão tem como professora titular a presente pesquisadora. O trabalho foi desenvolvido através de uma oficina com as crianças durante o horário de aula, não interferindo na rotina diária das mesmas, pois foram desenvolvidas atividades e brincadeiras de acordo com os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (2006) e com a Política de Educação Infantil no Brasil (2009).

Para a coleta de dados, foram elaboradas atividades e brincadeiras que possibilitassem que as crianças pudessem interagir com diferentes tipos de brinquedos, brincadeiras e vestimentas (fantasias) e a partir disso foram observadas as reações das crianças, tendo como base as seguintes perguntas que nortearam a pesquisa: Os meninos brincaram com os brinquedos ditos de menina? Na hora da escolha, os meninos optaram por brinquedos considerados de meninos (carrinhos) ou de meninas (bonecas)? Ou não houve distinção? Por quê? E as meninas, quais os brinquedos que foram escolhidos? Houve distinção ou preferência? E na escolha de fantasias, houve preferência de acordo com o gênero?

Os dados coletados foram analisados à luz das teorias vigentes sobre as questões de gênero na escola e principalmente na Educação Infantil e com base nos estudos e conhecimentos adquiridos no decorrer do curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola.

Para preservar a identidade e a privacidade dos envolvidos não foram divulgados os nomes dos participantes. Para a identificação das falas, caso haja a utilização de alguns

discursos das crianças, foram utilizados códigos como Mno1, Mno2, ... para meninos e Mna1, Mna2, ... para meninas.

Ressalta-se que, a pesquisa foi realizada com autorização da direção da Instituição envolvida e com autorização do responsável legal de cada participante, com a garantia do anonimato das crianças e da identificação das mesmas. As autorizações encontra-se devidamente preenchidas e assinadas pelos responsáveis conforme modelo no Apêndice deste trabalho.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Antes de iniciarmos a apresentação e a análise dos dados levantados, vale ressaltar que as crianças, sujeitos da pesquisa tem como professora titular a presente pesquisadora, desse modo a mesma pôde observar o modo como as crianças brincam e as atitudes das mesmas em relação aos brinquedos muito antes da pesquisa ser realizada. Compõem, portanto um conjunto de registros das práticas pedagógicas por mim desenvolvidas ao longo do ano e possibilitaram um maior entendimento sobre o comportamento das crianças no seu dia a dia e contribuiu para construção da pesquisa.

As oficinas com atividades e brincadeiras foram realizadas no mês de agosto de 2016 durante o período da tarde. Participaram das atividades crianças de 3 e 4 anos de idade e que frequentam a turma do Jardim II do Centro de Educação Infantil Mini Mundo, Mampituba/RS. Ao todo, 14 crianças frequentam o turno vespertino, no entanto, como as crianças nem sempre são assíduas por ser educação infantil e como as atividades foram realizadas em dois momentos, apenas algumas crianças participaram das atividades.

A pesquisa foi realizada com a autorização da direção da Instituição, com a garantia de manter sob sigilo a identificação das crianças envolvidas e total anonimato das mesmas. Tal autorização foi devidamente preenchida e assinada pela direção da instituição envolvida e pelos responsáveis legais das crianças, conforme modelo no apêndice deste trabalho. Como forma de manter o anonimato das crianças, quando as mesmas forem citadas no decorrer deste capítulo, utilizaremos os códigos Mna 1, Mna 2... para meninas e Mno 1, Mno 2... para meninos.

Como já citado anteriormente, as oficinas com atividades e brincadeiras ocorreram em dois momentos. No primeiro momento, foram disponibilizadas para as crianças brincarem diferentes tipos de fantasias, tais como: fada, soldadinho de chumbo, princesa, bailarina, peter pan, gatinha (saia com rabo de gata) e gatinho. Além de acessórios como chapéu, colares, pulseiras, sapatos, lenços etc. Participaram das atividades nessa primeira parte o total de 11 crianças, 6 meninos e 5 meninas.

Em um círculo na sala de aula, as crianças e a professora que é a pesquisadora deste estudo, sentaram-se e as fantasias foram colocadas no centro para que cada criança pudesse ver e escolher qual gostaria de brincar. Durante toda a atividade, as crianças trocaram de fantasias, ora vestidas de soldadinho de chumbo, ora de peter pan. No entanto, vale ressaltar que nem todas as crianças usaram uma fantasia diferente da esperada ou que socialmente pertence a determinado gênero. Ou seja, algumas meninas, por exemplo, Mna 2, Mna3, Mna4 e Mna 5

escolheram apenas fantasias como fada, bailarina, gatinha, princesa. Tais fantasias são pré-determinadas pela sociedade como sendo de menina e estas foram as escolhidas por estas meninas. Quando a pesquisadora questionou sobre o porquê da escolha, as respostas eram, por exemplo: “Porque eu quero ser bailarina quando crescer” (Mna2); “Porque eu sou uma princesa!” (Mna 4).

Apenas uma das meninas (Mna1) usou fantasias diferentes daquela que socialmente se espera. Primeiro de bailarina, depois trocou para soldadinho de chumbo e por último optou pela fantasia de peter pan.

Podemos analisar que a Mna1 pode vivenciar experiências diferentes daquela esperada e assim experimentou novas fantasias, novas vivências a partir de elementos simples como roupas e vestimentas. “As crianças, capazes de múltiplas relações, estão a todo momento experimentando diferentes formas de brincadeira, buscando novos prazeres, fazendo coisas movidas pela curiosidade e vontade de conhecer o mundo.” (FINCO, 2003, p. 96). Ao ser questionada sobre o porquê das escolhas a Mna1 apenas respondia assim: “Porque eu gosto!” ou “Porque eu quero!” (Mna 1). Não houveram repostas carregadas de conceitos sociais, apenas respostas simples, de uma criança que gosta de experimentar.

Durante as escolhas e enquanto as crianças brincavam e trocavam de fantasias, um menino escolhe a fantasia de gatinha, que nada mais era do que uma saia de tule preto com um rabo de gata. Uma das crianças questiona ao menino: “Você é uma gatinha?”. Tranquilamente o menino responde: “Não, eu sou um gatinho de saia”. Pode-se observar nessa situação como as crianças deixam de lado o conceito de que tal vestimenta pertence a determinado sexo, para elas, usar uma saia não significa que é uma menina, mas alguém que está de saia. Desse modo, percebe-se que a criança tem uma visão bem diferente da visão do adulto e age de maneira natural aos objetos que estão disponíveis.

Daniela Finco, em uma de suas pesquisas sobre as brincadeiras de meninos e meninas, concluiu que

[...] ao observar as relações entre as crianças, foi possível levantara hipótese de que os estereótipos dos papéis sexuais, os comportamentos pré-determinados, os preconceitos e discriminações são construções culturais, que existem nas relações dos adultos, mas ainda não conseguiram contaminar totalmente a cultura da criança”. (FINCO, 2003, p.95).

Outra cena, bastante interessante é de um menino que pega uma saia feminina adulta, fica olhando a peça, até que a pesquisadora, percebendo a dúvida da criança pergunta: “Você quer experimentar esta fantasia?” O menino olha para a professora e questiona: “Não é de menina?” e a pesquisadora então responde: “É de quem quiser usar.” O menino então com

alegria pega a peça, veste a saia e vai brincar. Esse fato nos possibilita analisar como as crianças estão tão acostumadas que os adultos digam se é de menina ou de menino determinado objeto que precisam da aprovação de um para fazer suas escolhas. Afinal, na grande maioria das vezes é o que acontece, são os adultos que determinam o que uma criança pode ou não usar e isso acontece antes mesmo do nascimento.

Ao final da tarde, as crianças sentaram novamente em círculo, juntamente com a pesquisadora e esta questionou as crianças sobre a fantasia que mais gostaram. As crianças que experimentaram diferentes fantasias afirmaram que gostaram de todas. Um dos meninos comentou que gostou de usar sapato de salto por causa do barulho, pois parecia sapateado. Nessa situação, podemos perceber que as crianças utilizam-se de elementos que para o mundo adulto pertence as mulheres, mas na visão de uma criança, era apenas um acessório para dançar sapateado em virtude do som que o salto do sapato reproduzia.

Muitas crianças experimentaram os sapatos de salto, inclusive muitos meninos. No entanto, houve aquele que se recusou. Quando um colega lhe oferece um sapatinho de salto ele responde: “Nem pensar, isso é coisa de menina!”. No momento desta fala, a pesquisadora pode observar que esse discurso já reproduzia um determinado preconceito, aprendido por esta criança, pois o modo como a criança fala vem carregado de um tom de recusa e absurdo por lhe oferecerem tal acessório.

São nessas falas que podemos analisar como as crianças são influenciadas pelos adultos e como desde pequenas reproduzem o que escutam. Se os adultos que as crianças têm como referência utilizam esses argumentos, conseqüentemente as crianças muitas vezes acabam se utilizando destes, também, para justificar suas escolhas.

No segundo momento, foram oferecidas as crianças apenas bonecas e carrinhos, os quais cada criança deveria escolher e dizer previamente qual seu brinquedo favorito. Antes mesmo das brincadeiras começarem, as crianças já iam falando entre elas qual iria brincar. Durante essa breve conversa, um menino comentou: “Ah, eu quero brincar com a boneca, prô!”. Nesse momento uma menina responde: “Não mesmo, boneca é de menina! Tu não pode brincar.” E entre esse debate entre essas crianças e outras que também entraram na discussão, uma pede a confirmação da professora: “Não é, profê, que boneca é de menina e os meninos não podem brincar?” Nesse momento, a professora que é a presente pesquisadora, para não influenciar na escolha dos brinquedos, pelo menos não nesse primeiro momento, devolve a pergunta para as crianças como forma de mediar a situação: “E então, qual a opinião de vocês? Menino pode brincar de boneca? E menina, pode brincar de carrinho?”.

Fazer com que as crianças reflitam sobre essas questões e escolhas de brinquedos é promover um espaço para as discussões de gênero no ambiente educativo já na educação infantil. Isso é o que ocorre ao devolver a pergunta para as crianças, elas discutem ao mesmo tempo que refletem esses discursos tão diferentes daqueles que costumam ouvir no meio adulto conservador.

Neste sentido, Graupe e Sousa (2015, p. 111-112) destacam a importância das discussões relacionadas a gênero em todo o campo educativo.

Enfatiza-se que é necessária e urgente a discussão da temática de gênero no campo educacional, pois vivemos um tempo de rápidas transformações de toda a ordem. As falas que circulam pela sociedade são muitas e variadas, assim como também são os conceitos, valores e formas de entender o mundo e as pessoas. As desigualdades entre homens e mulheres são construídas com base em diferenças de sexo. Faz-se necessário conhecermos a expansão da construção social do gênero através da história e da cultura, que nos remetem a questionamentos, valores, relações de poder, igualdade e justiça em uma sociedade das desigualdades e injustiças. (GRAUPE; SOUSA, 2015, p.111-112).

Promover momentos de discussões sobre a temática gênero desde a educação infantil contribui para que as crianças desde cedo aprendam a refletir e a respeitar o modo de viver e as escolhas de cada indivíduo.

As atividades continuaram e as crianças continuaram a discussão e em um dos discursos aparece a seguinte fala de uma menina: “Menino não pode brincar de boneca porque a minha mãe disse que não, que boneca é só das meninas brincarem.” (Mna 5).

Nesse discurso, pode-se analisar como as crianças repetem os discursos dos pais e recorrem a essas falas para fundamentar sua opinião. Primeiro, as crianças recorrem a confirmação da professora de que determinado brinquedo é de menina e não de menino, para defender sua opinião, como nesse caso não deu certo, a criança então se refere as falas que ouve de sua mãe em casa.

A autora Cláudia Amaral dos Santos em seu texto no qual apresenta uma pesquisa acerca da invenção da infância generificada, discute como antes do nascimento, as crianças já são direcionadas a uma determinado tipo de brinquedo de acordo com seu sexo biológico. “Parte do processo de generificação dos corpos infantis torna-se visível nos quartos projetados para bebês que, em alguns casos, ainda não nasceram.” (SANTOS, 2004, p.4)

Muitas vezes a criança não tem poder de escolha, pois as famílias ao esperarem a chegada da criança já escolhem e determinam com quais brinquedos a criança vai interagir. Desse modo, muitas vezes as crianças ao se desenvolverem nesse meio que separa os brinquedos e os espaços em sendo de meninas ou de meninos acabam reproduzindo esse

conceito ao interagirem com outras crianças e ao se depararem com modelo diferente algumas reagem de maneiras muitas vezes com espanto.

No entanto, pode-se analisar também que as crianças falam que um determinado brinquedo pertence a determinado grupo não é apenas para reproduzir um conceito que ouvem diariamente, mas também para defender seu brinquedo. Nesse caso em que a Mna 5 se refere a mãe para falar que o brinquedo é de menina e não de menino ela simplesmente está se utilizando desses argumentos para evitar que outra criança escolha primeiro que ela um brinquedo que ela quer brincar e utiliza este discurso como defesa, já que ouviu esse discurso antes e percebeu que pode ser um forte argumento.

As atividades continuaram com cada criança escolhendo um brinquedo e qual seu favorito. Em determinado momento, uma das crianças, novamente em meio as discussões sobre quem pode brincar com qual brinquedo, uma menina fala: “Gente, a profe já disse um monte de vezes que todo mundo pode brincar com todos os brinquedos.” Essa fala aparece, especialmente pelo fato de que a presente pesquisadora por ser a professora da turma desde o início do ano letivo sempre que possível insiste nessa fala, tentando aos poucos desconstruir essas ideias de que há separação de brinquedos, deixando de lado esse conceito do que pode e o que não pode no que se refere aos brinquedos e brincadeiras.

Nesse sentido, pode-se perceber como a influência das professoras e professores pode contribuir para a desconstrução desses conceitos, pois quando ocorrem essas indagações, as crianças acabam lembrando aquilo que aprenderam anteriormente. “O desafio é mediar/possibilitar que as crianças, independentemente do sexo, se autorizem a transitar, a brincar, a fazer suas escolhas para além das dicotomias construídas socialmente.” (BRAGAGNOLO; BARBOSA, 2015, p. 129).

Por isso, a importância em se abordar as questões de gênero já na educação infantil já que esse espaço educativo tem um papel fundamental na construção do conhecimento e da cultura da criança. De acordo com Daniela Finco (2003, p. 99)

Podemos iniciar a discussão sobre as relações de gênero reconhecendo que a escola não está neutra: ela participa sutilmente da construção da identidade de gênero e de forma desigual. E essa construção inicia-se desde as primeiras relações da criança no ambiente coletivo da educação infantil. (FINCO, 2003, p. 99)

Se a escola tem esse papel fundamental e no caso da educação infantil, principalmente, o brincar é um dos meios mais importantes para o desenvolvimento da criança, é também muito importante que se compreenda que o brincar também está relacionado a construção de valores

sociais que têm início nesse momento e que fazem parte de maneira significativa nessa fase do desenvolvimento infantil.

A brincadeira favorece a autoestima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa. Brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto, no âmbito de grupos sociais diversos. Essas significações atribuídas ao brincar transformam-no em um espaço singular de constituição infantil. (BRASIL, 1998, p. 27).

Assim, a brincadeira se torna importante na medida em que exerce um papel fundamental na formação do indivíduo como cidadão ativo na sociedade.

Continuando com a pesquisa, como ressaltado no início deste capítulo, as crianças participantes da mesma fazem parte de um grupo onde realizo minhas atividades como professora e esses registros compõe parte das minhas observações sobre as atividades com elas realizadas.

Por meio dessas observações, percebeu-se que a grande maioria das crianças brinca com todos os tipos de brinquedos e brincadeiras de roda, ou de casinha, de boneca, de carrinho, de bola e assim por diante.

No entanto, ao disponibilizar apenas os brinquedos carrinho e boneca e ao serem questionados sobre seus brinquedos preferidos, algumas crianças optaram pelo brinquedo pré-determinado pelos adultos ao seu redor. E aquelas crianças que fogem à regra, logo foram julgadas por outras crianças, com discursos como: “Boneca não é de menino, é de menina”.

Entretanto, apesar desses discursos reproduzidos, houveram crianças que não se importaram e brincaram com o brinquedo que lhe deu vontade e prazer de brincar.

Isso acontece, porque, como diz Daniela Finco (2003) já citada anteriormente neste capítulo, nem todas as crianças são influenciadas pelos conceitos ultrapassados do mundo adulto.

As crianças têm seu próprio modo de brincar e de interagir com os brinquedos, objetos ou fantasias que lhe são disponibilizados. Muitas vezes esse modo de ver esses instrumentos sofre influência do meio e da cultura em que vivem. Ou então, brincam e se utilizam desses brinquedos e brincadeiras a partir do que veem no mundo adulto. Apesar disso, foi possível perceber nesse modo de brincar que as crianças gostam de experimentar, de criar e de imaginar a partir daquilo que lhes é proposto.

Algumas vezes as crianças repetem discursos e frases que ouvem no seu dia a dia e acabam desde cedo se limitando a experimentar coisa novas. No entanto, em determinado momento esquecem de tudo e apenas querem brincar, conhecer e se dar a oportunidade de estar em contato com outras formas de brincar e com todos os tipos de brinquedos.

O brincar, os brinquedos e as brincadeiras têm esse papel na vida da criança, pois é nesse momento que as crianças têm a oportunidade de vivenciar e se imaginar de outro modo e construir seu conhecimento.

Contudo, essa pesquisa possibilitou analisar como as crianças, a todo momento buscam o brincar e os brinquedos para poder conquistar seu espaço e se utilizam desses momentos de prazer para expressar o que sabem e o que estão sentindo, argumentando, questionado, refletindo. E são nesses momentos que foi possível observar que as crianças também produzem e fazem parte das questões relacionadas a gênero. Algumas já com discursos prontos, que separam os brinquedos em sendo de menina ou de menino. Outras que deixam de lado esses conceitos conservadores e aproveitam para simplesmente brincar e experimentar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa foi fundamental para perceber como as crianças brincam e como as questões relacionadas a gênero estão presentes no brincar.

Foi possível observar que as crianças quando questionadas sobre o seu brinquedo favorito, as mesmas escolheram os brinquedos que são designados pela sociedade padrão para meninos ou para meninas, ou seja, elas falaram aquilo que a sociedade conservadora espera. No entanto, quando esses questionamentos não foram feitos e as crianças puderam escolher livremente sem ter que responder a perguntas da pesquisadora, elas brincaram com todos os tipos de brinquedos e brincadeiras.

Essa constatação só foi possível em virtude de que a pesquisadora é a professora titular da turma em questão e pôde observar como as crianças brincam no seu cotidiano muito antes da pesquisa ser realizada. Esses registros fizeram parte desta pesquisa devido ao fato de que contribuíram para o maior entendimento de como as crianças envolvidas realmente brincam.

As crianças envolvidas nesta pesquisa diariamente brincam com todos os tipos de brinquedos bola, carrinho, bonecas e de diferentes brincadeiras, brincadeiras de roda, casinha. Ou seja, as crianças não fazem essa distinção entre o que deve ser de menina e o que deve ser de menino. Essa separação só ocorreu quando as crianças puderam escolher qual seu brinquedo favorito. Foi nesse momento que as discussões sobre o que meninos e meninas podem ou não podem, aconteceram.

Isso nos faz concluir que mesmo pequenas, as crianças muitas vezes procuram dar respostas de acordo com aquilo que a sociedade pede. É importante salientar que nem todas as crianças seguem esse conceito, pois algumas crianças disseram gostar de todos os brinquedos, apesar da interferência e das discussões de seus colegas contrariando sua escolha.

Percebeu-se também que as professoras e professores têm um papel fundamental no que diz respeito às questões relacionadas a gênero, mais especificamente, quando se separa brinquedos ou brincadeiras como pertencentes a um determinado sexo ou a outro. Visto que as crianças aprendem também a partir da fala das professoras e professores, como no caso em que foi citado na análise dos dados, em que em meio as discussões se um menino podia ou não brincar de bonecas, uma das crianças relembra a fala de sua professora, que por acaso é a presente pesquisadora, de que todas e todos podem e devem brincar com qualquer brinquedo que desejar.

Nesse sentido, esse trabalho possibilitou o entendimento de que trabalhar a temática gênero desde a educação infantil contribui significativamente para o pleno desenvolvimento da criança, pois ao possibilitar que as mesmas possam refletir sobre as questões relacionadas a gênero, as instituições de educação contribuem para que se formem cidadãos com uma perspectiva em relação às questões de gênero diferentes daquelas que a sociedade machista e conservadora tenta impor perante as demais pessoas.

Enfim, essa pesquisa permitiu compreender que as crianças são produtoras de cultura e fazem parte da construção da mesma e desse modo, deve-se abordar as questões sobre gênero no espaço da educação infantil, visto que desde muito cedo as crianças são levadas a acreditar, pelo meio social conservador e machista, que há a separação dos papéis que meninos e meninas, homens e mulheres devem exercer na sociedade. Tal separação acaba por contribuir e reforçar a desigualdade de gênero e conseqüentemente à violência de gênero e tantas outras injustiças que ocorrem em decorrência desses conceitos e ideais ultrapassados, machistas e conservadores.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Culturas infantis**: contribuições e reflexões. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 14, n. 43, p. 645-667, set./dez. 2014. Disponível em: <www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?dd99=pdf&dd1=14717> Último acesso em: 15/11/2016.
- BRAGAGNOLO, Regina Ingrid; BARBOSA, Raquel. In: GRAUPE, Mareli; BRAGAGNOLLO, Regina Ingrid. **As Diferenças de Gênero no Espaço Escolar**. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 2006. v. 1. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol1.pdf>> último acesso em: 21 de Junho de 2016.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Política de educação infantil no Brasil**: Relatório de avaliação / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB; Unesco, 2009. 260 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7873-politica-educacao-infantil-relatorio-avaliacao-260411-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192> Último acesso em: 21 de Junho de 2016.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, v. 1, 1998.
- _____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal 8069 de 13/07/1990. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei8069_02.pdf> Último acesso em 30 de novembro de 2016.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 8. ed. São Paulo: Editora Cortez, vol. 20, 2010.
- DINIS, Nilson Fernandes. **Educação, relações de gênero e diversidade**. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n103/09.pdf>>. Último acesso em: 21 de Junho de 2016.
- FINCO, Daniela. **Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil**. Campinas: Pro-Posições. v. 14, n. 3 (42) - set./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.cppnac.org.br/wp-content/uploads/2013/07/Rela%C3%A7%C3%B5es-de-genero-nas-brincadeiras-de-meninos-e-meninas.pdf>>. Último acesso em: 21 de Junho de 2016.
- GRAUPE, Mareli Eliane; SOUSA, Lúcia Aulete Búrigo de. Gênero e Educação. In: GRAUPE, Mareli; BRAGAGNOLLO, Regina Ingrid. **As Diferenças de Gênero no Espaço Escolar**. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7155-2-3-brinquedos-brincadeiras-tizuko-morchida/file>> Último acesso em: 12 de novembro de 2016.

LARA, Eliziane. O que é ser menina no Brasil? – Desigualdade de gênero desde a infância. Rolimã. Janeiro/2015. Disponível em: <<http://oficinadeimagens.org.br/o-que-e-ser-menina-no-brasil-desigualdadede-genero-desde-a-infancia/>> Último acesso em: 11 de maio de 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 80 p.

NAVARRO, Mariana Stoeterau. **O brincar na educação infantil**. IX Congresso Nacional de Educação. EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, PUCPR, PARANÁ, 26 a 29 de out. 2009. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2693_1263.pdf> Último acesso em 12 de novembro de 16.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. História, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>> Último acesso em: 30 de novembro de 2016.

QUEIROZ, Norma Lúcia Neris de; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCO, Ângela Uchôa. **Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista**. Paidéia, vol.16, n.34, p 169 – 179, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n34/v16n34a05.pdf>> Último acesso em: 12 de novembro de 16.

SANTOS, Cláudia Amaral dos. **A invenção da infância generificada: a pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero**. 2004. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/t231.pdf>> Último acesso em: 30 de novembro de 2016.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e sociedade, Porto Alegre, v. 16, n.2, p. 5-22, Jul./Dez 1990.

SOIHET, Rachel. **Pisando no “sexo frágil”**. Nossa história, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 14-20, Janeiro/2004.

SOUZA, Jane Felipe de. **Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil**. Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Setembro de 1999. Disponível em: <http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_gensex/SexualidadeInfantil.pdf> Último acesso em: 10 de novembro de 2016.

TEIXEIRA, Ellen Dean Ribeiro. **O brincar como berço do intelecto infantil**. IX Congresso Nacional de Educação. EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, PUCPR, PARANÁ, 26 a 29 de out. 2009. Disponível em:
<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1925_978.pdf> Último acesso em: 15 de novembro de 2016.

WOLFF, Cristina Scheibe; SILVA, Janine Gomes da. **Gênero: um conceito importante para o conhecimento do mundo social**. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. p. 95-114.

VIANA, Cláudia; FINCO, Daniela. **Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder**. Cad. Pagu: Campinas, no.33 July/Dec. 2009. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332009000200010>
Último acesso em: 21 de junho de 2016.

APÊNDICE(S)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Eu, _____, diretora dessa instituição, RG N° _____, CPF N° _____, autorizo CLAIR ROLDÃO SCHARDOSIM, RG N° 1108666759, CPF N° 029771740-52, professora de Educação Infantil a realizar pesquisa e coleta de dados a partir de atividades e brincadeiras que serão desenvolvidas com a turma do Jardim II para a realização do Projeto de Pesquisa “Relações de gênero na educação infantil: como brincam as crianças?”, que tem por objetivo investigar através das brincadeiras como as crianças significam o gênero e com isso desconstruir conceitos estereotipados nas ações educativas.

A pesquisadora acima qualificada se compromete a:

- 1- Obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o mínimo de riscos.
- 2- Assegurar a privacidade das pessoas citadas nos documentos institucionais e/ou contatadas diretamente, de modo a proteger suas imagens, bem como garantir que não utilizarão as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando deste modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS N° 466/2012, e obedecendo as disposições legais estabelecidas na Constituição Federal Brasileira, artigo 5°, incisos X e XIV e no Novo Código Civil, artigo 20.

Mampituba, ____ de _____ de 2016.

Assinatura da Diretora da Instituição

Assinatura do/a pesquisador/a



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____
RG _____ residente _____
_____ abaixo assinada/o, fui informada/o e convidado/a a autorizar meu/minha filho/a _____ a participar da pesquisa: “Relações de gênero na educação infantil: como brincam as crianças?”, realizada pelo/a aluno/a do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola CLAIR ROLDÃO SCHARDOSIM, cujo objetivo é investigar através das brincadeiras como as crianças significam o gênero e com isso desconstruir conceitos estereotipados nas ações educativas.

Foi-me esclarecido que para fazer parte deste estudo, meu/minha filho/a irá participar de atividades e brincadeiras envolvendo diferentes tipos de brinquedos e vestimentas (fantasias).

Foi-me garantido que tudo que ocorrer durante a pesquisa será confidencial e que a identidade do/a meu/minha filho/a será mantida sob sigilo com total anonimato.

Fui informado/a que meu/minha filho/a não estará correndo risco decorrente de estar participando da referida pesquisa. Também fui informado/a que tenho o direito de não responder a qualquer pergunta que não deseje e que em qualquer momento, posso desistir de participar da pesquisa, sem que isto me traga qualquer tipo de prejuízo.

Fui informado, ainda que os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos.

Para qualquer esclarecimento, poderei entrar em contato com a/o prof. orientadora Dra. Patrícia de Moraes Lima pelo telefone (48) 3721 6440 ou com o/a pesquisador/a Clair Roldão Schardosim no telefone (51) 991744095.

Mampituba, ____ de _____ de 2016.

Assinatura do/a pesquisador/a:

Assinatura do representante legal